



‘Há pessoas que embirram COMIGO’

Evita a exposição pública e vive rodeado das coisas de que gosta. Ao longo dos anos, aos troféus desportivos juntou outros não menos valiosos: uma coleção de arte que em Dezembro vai a leilão em Paris

Entrevista de JOSÉ CABRITA SARAIVA Fotografias actuais de ANTÓNIO PEDRO SANTOS

A 8 DE DEZEMBRO a prestigiada leiloeira Christie's vai vender em Paris uma coleção de arte que pode realizar mais de dois milhões de euros, e que inclui nomes como Chagall, Picasso, Pollock, Warhol e Vieira da Silva. Essa coleção foi reunida ao longo de décadas pelo português Artur Jorge. Na casa do ex-treinador, um duplex no centro de Lisboa, é difícil perceber onde estavam as cem pinturas que vão ser leiloadas, pois as paredes continuam repletas de quadros. E, um pouco por toda a parte, os discos, os livros, as peças de design e de arte africana povoam o universo de um homem que não gosta da exposição pública e procurou refúgio na cultura.

Esta casa não parece a casa de um homem ligado ao futebol.

Parece a casa de uma pessoa ligada às coisas que se passam na vida, de uma pessoa que gosta de ouvir música, que gosta de ler, que gosta de pintura.

Uma bola faria aqui alguns estragos.

Ah, isso fazia! [Com ironia:] A gente mais nova quando anda a dar uns pontá-

pés na bola de vez em quando faz uns estragos... Isto é uma brincadeira. A bola é qualquer coisa de que sempre gostei e que tem a ver com a minha vida.

Mas à vista desarmada quase não há indícios dessa ligação. Não vemos um troféu...

Aqui não. Não sei se posso dizer que há sítio para tudo. O futebol foi um pouco a minha vida e fiz isso durante não sei quantos anos. Como jogador,

depois como treinador; e como pessoa que sempre gostou de futebol. Mas sempre gostei de outras coisas também: de ir ao cinema, de ouvir música, ler, ou conversar com os meus amigos. Isso para mim é normal.

Mas tem de reconhecer que não estamos habituados a ver as pessoas ligadas ao futebol com esse tipo de interesses. Conheceu algumas com quem tivesse essa afinidade?

Não muitas. Mas encontrei gente que gostava de arte e gostava de concertos, não apenas de jogar e discutir futebol.

É conhecida a sua paixão pela música. Toca algum instrumento?

Não, nada. Mas tenho pena. Gostava muito de tocar piano. É uma coisa fantástica. →

Às vezes penso que podia ter feito carreira noutra área, MAS NÃO ME ARREPENDO

E sente que em vez de ter feito uma carreira no futebol podia ter feito uma carreira noutra área, mais ligada à cultura?

De vez em quando penso nisso. Podia ter feito noutra área, não me pergunte exactamente qual. Mas isso é qualquer coisa de que não me arrependo nada. Acho que aquilo que fiz no futebol foi interessante, foi uma coisa de que gostei muito, penso que não a fiz mal. Sempre gostei de jogar futebol, desde muito novo, e, como hei-de dizer? Não escolhi nada: jogava melhor do que os outros, marcava mais golos do que os outros.

Houve algum momento em que tivesse de optar entre o futebol ou outro tipo de carreira?

Nos últimos 25 anos o FCP tem ganho mais que os outros E ISSO TEM FEITO MAL A ESTA TERRA

O Curso de Filologia Germânica.

Comecei em Coimbra e acabei-o aqui em Lisboa, com mais dificuldade. Se tivesse querido podia ser professor de Inglês ou de Alemão, mas nunca estive muito para aí virado. E acabei o curso porque não fazia muito sentido não o acabar por causa de três ou quatro cadeiras. Mas nunca estive na minha cabeça exercer.

Nem nunca sequer pus essa hipótese. Quando eu era jovem tive a possibilidade de ir para Coimbra. Continuei a estudar, e depois quando vim para Lisboa profissionalizei-me, que era uma coisa que estava na minha cabeça. Fui fazendo o curso devagarinho.

Nessa altura já estava completamente mergulhado no futebol.

Sim, há muito tempo. Estive sempre mergulhado no futebol. Sempre vi jogos, sempre discuti futebol com os meus colegas, era algo que fazia parte da nossa vida. Comecei a ver futebol com o meu pai muito cedo.

O FC Porto.

Sempre, sempre. Desde jovem.

O seu pai era sócio?

Era. E eu também, e os meus irmãos também. Portanto isso foi uma situação muito antiga e quase familiar.

E foi assim que começou a sua ligação.

Assim e a brincar com os meus amigos. Havia sempre pequenos lugares onde jogávamos uns com os outros. Estive numa escola italiana do Porto. Havia um grande espaço atrás onde se jogava futebol. As pessoas gostavam quase todas de futebol e havia espaço para jogar. As coisas foram andando sempre assim por aí fora.

Do que pude perceber a sua família era de classe média alta.

Sim. Era uma família onde as coisas funcionavam razoavelmente, pelo menos numa altura. Depois mais tarde não tanto, mas quando eu era muito jovem penso que as coisas avançavam.

Com que olhos a sua família viu a sua ida para o futebol?

Sempre bem, nunca houve nada de negativo em relação a tudo isso. Sabe porque? Quando eu jogava não era pior do que os outros, para não lhe dizer outra coisa, e portanto as coisas corriam bem. O meu pai gostava de futebol, e as pessoas lá em casa não eram doidas, mas gostavam também – e chegaram à conclusão de que eu jogava bem. Achavam isso normal. Fazíamos equipas, íamos treinar, organizámos jogos, e havia uns campeonatos. Fui para o Porto e depois foi por aí fora.

Imagino que os outros jogadores viessem de meios mais humildes.

É verdade. A maior parte era gente com muitas

dificuldades. E nessa altura ninguém ganhava coisa nenhuma. Portugal era um país pobre, que vivia com dificuldade – pior do que hoje. Normalmente as pessoas que jogavam vinham muito de...

De baixo?

Desse tipo de gente. Gente pobre. Vinham de longe, mal preparados, tinham poucos cuidados...

E como é que você, que vinha de uma família diferente, se integrava?

Não era diferente. As pessoas juntavam-se porque toda a gente gostava muito de futebol. Eram cumplicidades, uma coisa que antigamente existia mais do que agora. O mais importante nessa altura era jogar, tentar ganhar e mostrar um bocadinho as nossas habilidades aos treinadores.

Por que ficou aqui em Lisboa e não regressou ao Porto?

Fiquei aqui porque as pessoas casam, depois os miúdos nascem, depois há escolas. Tirando a minha irmã não tenho muita gente da minha família no Porto. As pessoas foram desaparecendo. E a minha família era grande. Nas festas havia muita gente à mesa. Agora tenho uma irmã que continua a viver no Porto. De vez em quando a gente fala-se ao telefone. Gosto muito dela e temos uma boa relação... E depois há as pessoas do FC Porto. Sai de lá com 18 anos e depois voltei com 40. Era voltar a pegar nas amizades que ficaram da escola, do liceu, dos cafés, dos jogos de futebol. No fundo os grandes amigos que temos quando somos miúdos.

Quando voltou ao Porto, agora como treinador, Pinto da Costa já era presidente do clube. Com que relação ficou com ele?

Fui um presidente que nunca se meteu no meu trabalho, aliás penso que é isso que faz com os treinadores. A gente de vez em quando telefona-se e tenho gosto nisso.

Pinto da Costa convidou-o para o casamento com Filomena Morais?

Sim, sim.

E foi?

Fui. Agora, o problema do Sr. Pinto da Costa é que ele quer ganhar, como todos os presidentes de clubes. O Porto de hoje não é o Porto de há 30 anos. É uma equipa super bem organizada. E os resultados vêm-se nos 25 últimos anos. Tem ganho mais do que os outros e isso tem feito mal a esta terra.

Tem feito mal?

Tem feito mal aos outros, que não aceitam isso. O Sporting e o Benfica estavam habi-

A marcar um golo de cabeça pelo Benfica, onde esteve entre 1969 e 1975. Em baixo, na formação da Académica de Coimbra, na década de 60. À direita: com Eusébio e Torres, numa deslocação da Selecção, e com Mário Coluna



tuados a ganhar, mas hoje é uma tragédia... As pessoas ainda não entenderam que o Porto é melhor que os outros.

Diz-se que na altura em que era treinado por si o FCP tinha um certo ascendente sobre os árbitros. Olhando para trás consegue ver isso?

Isso é o que se diz, mas em quase todos os campeonatos – em França, em Espanha, em Itália, na Alemanha – há equipas que são mais ajudadas do que as outras. Aqui também se disse durante não sei quantos anos que o Benfica e o Sporting eram mais ajudados do que os outros. Porque? Porque eram mais fortes. As equipas, quando são melhores que as outras, ao fim dos anos são um bocadinho mais ajudadas, disso não tenho dúvidas. Mas isso não é em Portugal, é no mundo inteiro. E quando umas equipas ganham mais, as outras têm dificuldade em aceitar isso. Os árbitros têm sempre culpa de tudo nesta terra. Mas ser árbitro é uma chatiche. Mesmo nós, quando somos treinadores, de vez em quando apitamos uma partida entre treinadores. É terrível. Sempre que marcamos alguma coisa contra aqueles parece que foi de propósito para os lixar.

Como treinador não se queixava das arbitragens?

Os treinadores queixam-se sempre um bocadinho. Quando achamos que alguma coisa

não foi bem feita ou quando estamos mais nervosos do que o normal dizemos coisas que não devíamos. O mais importante é saber que ser árbitro é uma coisa terrível. Tenho um grande respeito por eles e nesta altura penso que temos em Portugal ótimos árbitros, mas não temos um bom coração para os árbitros. Não gostamos deles. Sabemos que eles estão lá para nos lixar, o que não é verdade.

O Artur Jorge contribuiu para o sucesso do FCP nos últimos 25 anos de que falava.

Ganhámos três campeonatos, taças, supercopas, a Taça dos Campeões Europeus.

Como é que uma equipa relativamente marginal ganhou uma Taça dos Campeões?

É difícil explicar-lhe isso. Acho que mesmo para o Porto foi uma loucura, não se pensava ganhar a Taça dos Campeões Europeus. A equipa era boa, tínhamos jogadores de muita qualidade: Frasco, Sousa, Gomes, Futre, Madjer, um grande guarda-redes, também...

O Mlinarzik...

Não é nada assim que se pronuncia. Eu nem digo o nome porque é esquisito. É um nome terrível! Mas era um grande guarda-redes também. Era uma equipa com grandes jogadores. Fizemos um bom campeonato europeu. Jogámos contra uma equipa dinamarquesa, depois jogámos com o Dinamo de Kiev, que era uma equipa extraordinária. Fizemos um grande jogo cá, estávamos a ganhar 2-0 e eles fizeram o 2-1 com um bocadinho de sorte. E lá fizemos dois golos no princípio do jogo. Ai tivemos nós sorte. Faz parte. Depois fomos jogar a final a casa dos nossos adversários – Munique é ali ao lado de Viena. Ai chegámos à conclusão de que éramos →



Bilhete de identidade CULTURA DESPORTIVA

Artur Jorge Braga Melo Teixeira nasceu a 13 de Fevereiro de 1946. Passou a infância e juventude no Porto, onde começou a jogar futebol nos juniores do FC Porto. Aos 18 anos foi estudar para Coimbra. Aí passou cinco anos, actuando pelos estudantes. Terminou o curso de Filologia Germânica em Lisboa e profissionalizou-se como jogador. No Benfica e na Selecção jogou ao lado de Eusébio, Torres e Coluna. Marcou mais de 150 golos. Foi também fundador e primeiro presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol, batendo-se por condições mais justas para os praticantes. Terminada a carreira como jogador (ponta-de-lança) foi receber formação como técnico na Alemanha. Regressou para treinar o Guimarães, chegando ao Porto em 1984. Aí foi o primeiro treinador português a conquistar uma Taça dos Campeões Europeus (1987). Depois passou por França, Suíça, Espanha, Arábia Saudita, Camarões, Rússia... O último clube que treinou foi o Créteil, da 2.ª divisão francesa, a convite do presidente, um português. Não conseguiu evitar a descida de divisão. Mas ainda admite regressar ao futebol.



melhores do que eles. Nem as pessoas do Porto pensavam que era possível.

Não esperavam tanto.

Não, não. Foi uma grande vitória. Fizemos uma grande segunda parte. E tínhamos o Jaime Pacheco magoado, o Gomes magoado, o Lima Pereira magoado. Mesmo assim ganhámos bem, podíamos ter marcado mais um ou dois golos... mas enfim, são as coisas que se dizem no fim dos jogos.

O Bayern tinha tudo a favor deles.

Nós sabíamos que éramos melhores do que eles, mas ir a casa deles ganhar a Taça dos Campeões é outra coisa. Nunca eles pensaram em perder.

Como festejaram?

Como toda a gente festeja. A alegria é uma coisa que não se consegue dizer: Quem tem a sorte de viver isto é uma coisa fantástica. Mas não é possível dizer o que foi.

Também treinou muito no estrangeiro. Ao início teve dificuldades?

Estive em sítios bons e maus.

Em França deu-se bem.

Muito bem. Para já estive em dois bons clubes. O primeiro, o Matra Racing, era um clube de grande qualidade, e tive a sorte de no Paris St. Germain ter um bom presidente, como no Porto. Tinha grandes jogadores, ganhámos dois campeonatos, uma taça, e fomos duas vezes às meias-finais das Taças europeias, o que foi fantástico. E não avançamos mais porque... lá está, se eu fosse desses se calhar dizia que a culpa era do árbitro... mas não. Perdemos uma vez com o Arsenal e a outra com a Juventus, e eles foram campeões da Europa. Tivemos pouca sorte. Eliminámos duas vezes

seguidas o Real Madrid. São situações que as pessoas não esquecem.

Quando regressou a Portugal foi para o Benfica. Aí as coisas já não correram tão bem.

Não correram bem. Quando as coisas não correm tão bem a culpa é de todos. É difícil eu agora dizer 'aquele foi 10, o outro 20%'. Houve dificuldades que não conseguimos ultrapassar. A vida dos clubes e do futebol fazem-se de anos bons e de outros menos bons. Foi isso que aconteceu.

Quando saiu fez declarações polémicas.

Houve coisas desagradáveis. Mas não vou por aí fora.

Foi depois para a Arábia Saudita.

Estive lá três vezes. A Arábia Saudita tem as noites mais bonitas que eu vi até hoje. Não consigo explicar a cor da noite, é um azul com estrelas, uma noite linda,

extraordinária. Entre Março e Outubro – eu diria quase entre Março e Março – é uma temperatura muito quente. Para treinar tínhamos de treinar muito cedo de manhã e quando treinávamos duas vezes era muito cedo e muito tarde.

Quase à noite.

À noite mesmo. Tal como os jogos. Os jogos jogavam-se à noite. Era quente, mas já se podia jogar.

Como falava com os jogadores?

Eles têm grandes dificuldades em entender. Falam a língua deles, mas mesmo quando percebem uma coisa ou outra de inglês é com dificuldade. Da primeira vez que lá estive tinha um tradutor egípcio que tinha estado no Brasil alguns anos. Era uma pessoa de uma grande simpatia e traduzia bem e rápido. Ele era jogador, também, e as coisas chegavam aos jogadores da maneira que eles queriam ouvir. Fizemos um ano muito bom. Mas quando me fui embora ele ficou internado e, da segunda vez, quando lá cheguei ele tinha morrido.

O futebol lá também é vivido com intensidade?

É um campeonato forte, com muita gente a ver. Nos grandes jogos, entre os rivais, os estádios enchiam, com 80 mil, 85 mil pessoas, completamente doidos. Terrível! Tem mais interesse do que as pessoas aqui pensam que tem. As pessoas lá gostam tanto de futebol como nós.

E o dia-a-dia, com era?

A vida normal. Riade é uma cidade bonita mas não tem muita coisa. Havia tempo mas não havia coisas para fazer. Só as viagens. Não foi um sítio que me dê grande vontade de voltar.

Também passou pelos Camarões.

Aí o que mais me impressionou foi a qualidade dos jogadores. Há uma coisa que ainda comento com amigos: não houve lesões o tempo todo que lá estive. Os tipos jogam de uma maneira, eu diria, completamente bruta – um bocadinho à africana. Um tipo pensava: 'É impossível'. Só que a jogar daquela maneira eles não se magoavam.

Como se explica isso?

Não sei. Estes gajos são especiais, são diferentes de nós. São mais tesos, são mais ➔

Ganhar a Taça dos Campeões FOI UMA LOUCURA. Nem as pessoas do Porto pensavam que fosse possível



duros. Há ali qualquer coisa especial. A mim fez-me impressão. E quando eu digo ninguém se magoou não estou a falar de grandes lesões. Estou a falar de pequeninas lesões, aquela coisinha aqui que não deixa jogar o próximo jogo. Nada, nada, nada. Não havia lesões, nem joelhos... é inacreditável. E depois os tipos em termos de grupo eram um grupo giro. Quando íamos para os jogos cantavam no autocarro. Não percebíamos porque era na língua deles, mas gostávamos daquilo. Gostei muito deles, havia lá tipos muito giros.

Antes dos Camarões tinha estado na Rússia, a treinar o CSKA de Moscovo. Presumo que fosse o oposto.

Muito diferente, e não digo mais porque não sei bem o que hei-de dizer. Uma terra muito diferente, pessoas muito diferentes. Talvez eu me explicasse mal, mas de facto houve sempre grandes dificuldades. Na semana passada, o Laudrup, que também passou por um clube russo, disse qualquer coisa deste género: 'Eles têm de ter um treinador russo'. E se calhar é verdade. Pensam de outra maneira, reagem de outra maneira, respondem de outra maneira.

Também são muito fechados.

Muito. A maior parte deles não falava inglês. Tive lá um russo que falava português, acho que interpretava aquilo que eu queria da melhor maneira possível.

Da melhor maneira para si ou para eles?

Para eles não, porque aquilo não correu muito bem. Eu sentia, e se calhar os jogadores também, que havia ali coisas que não funcionavam da melhor maneira.

Que tipo de coisas?

Falava com os jogadores e ele traduzia. Eu falava e ele traduzia. E sentia que havia qualquer coisa que não passava entre nós.



Regressando a Portugal: que recordações guarda como seleccionador nacional?

Antes a Selecção não tinha adeptos. Não havia estádios cheios. Não chamava as pessoas. Este movimento que existe hoje, e fundamentalmente a partir do Scolari, não existia naquela altura. Agora, penso que tive resultados normais. Penso que perdi 3 vezes em 18 jogos, uma coisa assim. Perdemos um campeonato por um ponto e outro também por quase nada. Não houve nada de especial.

A não ser o episódio com o Sá Pinto...

O que quer que lhe diga sobre isso? Há situações que são tão estúpidas que nem vale a pena falar sobre elas.

Acha que tem inimigos?

Se calhar. Uma vez, há muitos anos, houve alguém que me perguntou se eu gostava de ver jogos na televisão. E eu disse: 'Sim, sim'. Depois disse: 'Gosto de ver jogos na televisão mas desligo o som e ponho música'. Está a ver um jogo na televisão e estou a ouvir música. E acho que as pessoas ficaram muito zangadas, porque pensaram que eu não quero ouvir a pessoa que está a falar porque não gosto dele. Não tem nada a ver com isso: gosto mais de estar a ver futebol e estar a ouvir uma coisa de que eu gosto muito, que é música. Não é por isso que não percebo o que se está a passar. Estou convencido de que as pessoas se zangaram comigo na altura porque há muita gente que me faz essa pergunta. Mas sei que há pessoas que embirram um bocadinho comigo, é verdade.

Sabe quem são essas pessoas?

Algumas sei.

E têm motivos para embirrar?

Sempre fiz a minha vida, nunca me meti na vida de ninguém, acho eu. Marquei muitos golos quando jogava à bola – muitos golos contra o Sporting, contra o Benfica e contra o Porto. Se calhar ficavam zangados comigo por marcar muitos golos. As pessoas do Sporting dizem que fui convidado para jogar no Sporting e depois não quis ir. Isto é uma mentira completa. Houve uma altura em que me convidaram e depois nunca mais me disseram nada. Na semana passada n'A Bola vinha uma coisa a dizer que o Sr. Fernando Riera, que morreu, antigo treinador do Benfica, me quis levar para uma equipa chilena. É verdade que ele me telefonou. Uma vez. E perguntou-me se eu gostava de ir. E eu disse: 'Não, como sabe eu estou em Coimbra e não me dá jeito'. E veio no jornal a dizer que eu não fui porque pedi muito dinheiro. Nem falámos em dinheiro!

Portanto há qualquer coisa um bocadinho esquisita de vez em quando.

Continua a ir ao futebol?

Muito raramente. Só em ocasiões especiais, um ou outro jogo da Selecção.

Mas vê na televisão?

Isso sim, continuo a ver.

Torce pelo Porto.

Sim. É verdade. Já me disseram que a gente não deve responder a esta pergunta. Não sei por que é que não deve. Sempre fui ver jogos do Porto desde jovem, cheguei a ver jogos com o estádio em construção. Evidentemente sou portista e gosto muito do Porto. Primeiro porque é o clube da minha terra, é o clube da minha casa. Agora, fui jogador de futebol e passei por outros clubes. Estive não sei quanto tempo em Coimbra, gosto muito da Académica. Estive não sei quantos anos no Benfica, por isso também gosto do Benfica.

A propósito daqueles ícones russos que tem à entrada: é um homem religioso?

Sou. E também gosto muito disso. O primeiro do lado direito trouxe-o quando fui com o Porto a

Havia coisas do arco-da-velha. Alguns jogadores punham MEDALHAS NAS BOTAS

Kiev. É o São Jorge a matar o dragão. Este trouxe de Moscovo. Gosto muito deles.

E supersticioso, também é?

Nada. E quando digo nada é mesmo nada. A única coisa que fazia quando jogava era entrar com o pé direito. Nem levava nada no bolso...

E os outros jogadores, em geral?

Alguns têm. Agora é mais difícil porque já não podem usar pulseiras, nem fios, nem nada dessas coisas. Naquela altura muita gente tinha manias, e era permitido usar 'manias'. Hoje é mais difícil. Se calhar as coisas têm de ser mais direitas. Eram manias a mais. Valia quase tudo. Se conhecesse a mania que tantos jogadores tinham, havia coisas do arco-da-velha.

Por exemplo?

Um tipo que metia coisas por debaixo das botas, o outro metia por dentro. Havia pessoas que punham medalhas e moedas dentro das botas. Coisas esquisitas. Uma coisa aqui de lado, outra na outra bota... Inacreditável. ❏

jose.c.saraiva@sol.pt

Agradecimento:

**Carpe Diem Arte e Pesquisa
Palácio de Pombal**

Veja a parte da entrevista dedicada à coleção de arte de Artur Jorge na revista *Artes & Leilões*, esta semana distribuída gratuitamente com o SOL